

**Congreso Iberoamericano de Educación**

**METAS 2021**

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos  
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

## **EDUCACIÓN TÉCNICO PROFESIONAL**

# **VIDA ACADÊMICA DOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO SISTEMA DE INTERNATO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS**

Denilce Salvador<sup>1</sup>  
Sílvia Maria Melo Gonçalves<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA. [denilcesalvador@hotmail.com](mailto:denilcesalvador@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA. [gsilviamm@gmail.com](mailto:gsilviamm@gmail.com)

## RESUMO.

Este trabalho investigou alunos matriculados no sistema de internato e sua trajetória nesse tipo de regime escolar. Nessa linha, é relevante que sejam considerados aspectos como tamanho das habitações, densidade ocupacional e interações sociais. Pelo fato de o sistema de internato se constituir num espaço onde o poder se exerce não apenas como força negativa, mas, também, produtiva, torna-se relevante o questionamento quanto à natureza e extensão de sua influência. O objetivo deste estudo foi verificar como alunos internos avaliam o sistema de internato e a influência deste em sua vida pessoal e acadêmica. Participaram desta pesquisa 40 alunos internos, da 1ª série, do sexo masculino, de 14 a 18 anos. O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado versando sobre número de ocupantes do quarto, opinião sobre viver no internato, o que mais gostavam e o que menos gostavam no internato, influência do internato no desempenho escolar, o que mudariam e o que deveria ser mantido. Os questionários foram aplicados após esclarecimento sobre o objetivo da pesquisa, garantia de anonimato e de sigilo, autorização dos pais ou responsáveis, e compromisso de apresentação dos resultados obtidos. As respostas foram categorizadas à luz da análise de conteúdo de Bardin. Dos pesquisados, 80% afirmaram que essa é uma experiência boa e interessante; para 65%, as interações com colegas foram apontadas como o que mais gostavam; calor nos quartos e desentendimentos com colegas representaram o que 48% menos gostavam; 90,48% consideraram-no positivo para o desempenho escolar; 31,37% afirmaram que gostariam de mudar a infraestrutura, enquanto 19,21% diminuiriam o número de colegas no quarto; 31,82% afirmaram que não mudariam as regras; e 20,45% não trocariam os colegas do quarto. Estes resultados indicam que as relações interpessoais foram valorizadas pelos internos, pois estes adolescentes não possuem laços familiares próximos, ficando sujeitos a depender exclusivamente de amizades.

**Palavras-chave:** sistema de internato, relações interpessoais, interações sociais.

## ABSTRACT

This study investigated students enrolled in boarding school system and their trajectory in this type of school system. In this line, it is important to be considered aspects such as size of the dwelling, occupant and social interactions. Because the system of internship to be an area where power is exercised not only as a negative force, but also productive, it becomes relevant questions about the nature and extent of its influence. The aim of this study was to investigate how students evaluate the internal system and the influence of boarding in their personal life and academic life. 40 students participated in this research, from 1st grade, male, 14-18 years. The instrument was a semistructured questionnaire dealing on number of occupants of the room, think about living in boarding school, what they liked most and least liked in the boarding school, boarding school influence in their academic performance, what would change and what should be retained. Questionnaires were administered after clarification about the purpose of research, ensuring anonymity and confidentiality, consent of parents or guardians, and undertaking to submit the results. The answers were categorized in the light of the content analysis of Bardin. Of the respondents, 80% said that this is a good experience and interesting, to 65%, interactions with colleagues were cited as the most liked, heat in the rooms and disagreements with colleagues represented what they liked least 48%, 90,48% considered it in positive school performance, 31,37% said they would like to change the infrastructure while 19,21% would decrease the number of

colleagues in the quarter and 31,82% said they would not change the rules, and 20,45% would not trade our colleagues in the room. These results indicate that interpersonal relationships were valued by the interns, as these teenagers do not have close family ties, and they is subject to rely exclusively on friendships.

**Keywords:** system of boarding school, interpersonal relationships, social interactions.

## 1. INTRODUÇÃO .

Essa pesquisa foi desenvolvida na Escola Agrotécnica Federal de Colatina, que, atualmente, intitula-se Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina, localizado a 17 km da cidade de Colatina. O campus apresenta como particularidade, um sistema de internato destinado a estudantes de baixo nível socioeconômico, representando, majoritariamente, filhos de pequenos e médios agricultores, portanto, detentores de um saber acumulado em suas famílias de origem a partir da vivência no mundo rural. Estes alunos supracitados são oriundos de diferentes municípios dos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia.

Devido à predominância de alunos de outras regiões dessas características em sua demanda, as escolas agrícolas tem tido como peculiaridade o oferecimento de internato para grande parte de seus alunos. O internato, por conseguinte, cumpre uma função social.

O internato, além de ser necessário para o funcionamento do campus na medida em que apresenta inúmeras atividades fora do horário convencional de aulas, busca, ao mesmo tempo, possibilitar ao aluno compreender o sentido de coletividade que dificilmente conseguiria em escolas com outras características diferentes destas. A produção agrícola realizada no campus é, pois, fruto do trabalho coletivo da cooperação.

Para que o estudante ingresse no campus como um aluno interno, este é entrevistado, juntamente com seus pais ou responsáveis, por uma equipe de profissionais que avalia o perfil desse aluno, observando os seguintes critérios: pertencer ao sexo masculino; ter idade inferior a 21 anos no ato da matrícula; não residir na zona urbana das cidades de Colatina e Baixo Guandu; comprovar menor condição financeira; residir à maior distância e/ ou comprovação de dificuldade de acesso ao campus; ser aprovado na entrevista de seleção (característica pessoal, familiar, social, econômica e afinidade com o meio rural).

Os alunos internos e semi-internos contam com alojamento, lavanderia, alimentação, além de atendimento médico, odontológico e acompanhamento psicológico, assim como áreas esportivas e de lazer.

Atualmente, o campus aloja aproximadamente 290 alunos internos, sendo 48 da 1ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. O internato conta com três residências de doze quartos. Os quartos acomodam de oito a dez alunos, que são alojados de acordo com a série e o curso que fazem. Os quartos possuem banheiros com duas divisões para banho e duas para vasos sanitários; os quartos que acomodam oito alunos possuem camas de alvenaria e os que alojam dez alunos possuem camas de aço. Independente do tipo de quarto, cada aluno possui seu armário individual de aço, com três divisões e cadeado.

Ao fazer a matrícula no internato, o aluno recebe uma lista do enxoval de que necessitará para estudar no campus: roupas de cama (azul e branca), banho, botas, uniformes de sala de aula e de campo, material de higiene pessoal e de limpeza do quarto, dentre outros itens solicitados.

Assim, o internato passa a ser um espaço coletivo de estudo, de trabalho e de convivência. Neste sentido, é importante que se reflita sobre a natureza e a extensão da influência do internato para a vida dos alunos. É importante, também, que se

indague como as rotinas e formas específicas de controle agem sobre os alunos internos.

Deste modo, o objetivo deste estudo foi pesquisar a relação existente entre internato, vida acadêmica, relações interpessoais, aspectos positivos e negativos desse sistema de ensino dos alunos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina.

Por outro lado, as relações estabelecidas com os colegas, principalmente ao dividirem o mesmo quarto, permitiram que os jovens longe de suas famílias partilhassem sentimentos, experiências, angústias e sonhos, que foram aspectos relevantes destacados nesta pesquisa.

Com este trabalho, espera-se buscar uma proposta de futura intervenção, como medida estratégica e recurso operacional, articulando alternativas para superar os aspectos negativos que interferem nesse desempenho. Nos desdobramentos do estudo investigativo foram utilizadas as experiências positivas do “sistema de internato” como um recurso para obtenção de melhores resultados no desempenho escolar do aluno do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina.

## **2. SOBRE O CAMPUS ITAPINA.**

A relevância desta pesquisa também se deve pelo fato de o “sistema de internato” do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina ter importância histórica no processo educativo das instituições federais de ensino agrícola.

Assim, as antigas Escolas Agrotécnicas Federais aparecem como instituições de ensino subordinadas à Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação (SEMTEC/MEC), caracterizadas por ministrar cursos técnicos em nível médio nas áreas de Agropecuária, Agroindústria, Enologia, Zootecnia e Infra-estrutura rural, em regime aberto, de internato e semi-internato.

Do ponto de vista institucional, o Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina defende que em seu sistema de internato busca atender aos alunos com atividades diversificadas, com espaços reservados para jogos, esportes, salas informatizadas para estudos e TV, biblioteca, aulas de reforço com alunos monitores, estagiários e professores da instituição, esforçando-se em ampliar as opções para atender essa demanda.

Como consta em seu Projeto Pedagógico Institucional (2009), o Campus Itapina localiza-se a 155 km de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, ocupando uma área de 316 hectares que são distribuídos em áreas construídas e áreas destinadas a desenvolvimento de projetos agropecuários.

Sua inauguração data de 28 de abril de 1956, através de um termo de acordo de 15 de novembro de 1949, celebrado entre o Governo da União e o Estado do Espírito Santo, instalou-se assim a Escola de Iniciação Agrícola, na margem esquerda do Rio Doce, no Município de Colatina. Em 20 de maio de 1955 passou a ser denominada Escola de Iniciação Agrícola de Colatina.

Em 13 de fevereiro de 1964, sua denominação foi alterada para Ginásio Agrícola. Em 17 de dezembro de 1975, o Poder Executivo doou à União Federal a área de terra destinada ao Ginásio Agrícola de Colatina. Em 14 de dezembro de 1977 foi autorizado

o curso Técnico em Agropecuária no Ginásio Agrícola de Colatina, regularizado em 29 de agosto de 1980. A partir de 17 de novembro de 1993, todas as Escolas Agrotécnicas Federais foram transformadas em autarquias.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, foi criado por meio da Lei nº. 11.892, em 29 de dezembro de 2008, atendendo a uma proposta do governo federal, que desde 2003 editava novas medidas para educação profissional e tecnológica. Sua constituição deu-se pela integração de quatro autarquias federais: Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo e suas Uned's, Escola Agrotécnica Federal de Alegre, Escola Agrotécnica Federal de Colatina e Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa). (PPI, 2009)

Além de cursos regulares, a escola funciona como centro de difusão tecnológica, alicerçando princípios de uma agricultura moderna, eficiente e produtiva, desenvolvendo programas de educação agrícola que atendam as necessidades da comunidade. Assim sendo, busca preparar o jovem para atuar conscientemente na sociedade como cidadão (PPI, 2009).

### **3. REFERENCIAL TEÓRICO.**

A fundamentação teórica para a execução desta pesquisa baseou-se em pesquisadores que têm contribuído de forma significativa para análise e aplicabilidade do sistema de internato.

Tomou-se como ponto de partida a concepção de “sistema de internato” a partir da compreensão de definição de Goffman (2005, p.11), que diz tratar-se de:

“um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”.

Esses espaços citados por Goffman (2005), também são encontrados nos hospitais psiquiátricos, cadeias, penitenciárias, quartéis e os conventos; são caracterizados, sobretudo, pelo controle das necessidades humanas, estando os alunos na condição do sistema de internato, sujeitos a regulamentos e julgamentos por parte da equipe dirigente. Pensando assim, foi importante investigar como o aluno percebe o internato. Local de residência? Espaço de interação afetiva/social? Ambiente de trabalho ou estudo? A partir dessas indagações, novas representações surgiram para se repensar o uso e os cuidados que são destinados ao aluno na condição do sistema de internato e, sem dúvidas, tais questões foram importantes indagações para o desenvolvimento desta pesquisa.

Diante do posicionamento de Goffman (2005), por exemplo, tornou-se relevante considerar os espaços do internato como ambientes que propiciam momentos de estudo, lazer, interação, afetividade, angústias, confrontos, ou seja, experiências que estão para além do trabalho e do fato de ali residirem.

Outro ponto a reconsiderar nesta conceituação diz respeito à menção de um grande número de indivíduos em “situação semelhante”. Aqui aparece uma discordância, pois se considera que, do ponto de vista familiar, econômico e social, não existem tais

semelhanças, ao contrário, ficam expressas as diferenças, seja de classes, princípios, culturas e outros.

Destacou-se, ainda, que o “sistema de internato” preconizado por Goffman (2005), não pode mais ser visto como “instituição total”, até porque outros espaços sociais como a família, a religião, a comunidade, podem ser caracterizados como agentes de influência e de vivência coletiva, o que pode dimensionar a extensa tarefa educativa de modo geral e a vida acadêmica, de modo restrito.

Segundo Foucault (2004, p.126), o controle disciplinar da atividade humana é fator bastante evidente. Dessa forma, a disciplina é imposta com o objetivo de fazer crescer a docilidade e a “utilidade” dos indivíduos, ou seja, a maior obediência destes às regras e normas de funcionamento da instituição. Além disso, segundo Cookson e Persell (2002, p.111), o controle das mínimas parcelas da vida do indivíduo tem como objetivo, no quadro de uma escola, transmitir um conteúdo leigo e, ao mesmo tempo, político, para controle e “utilização” dos indivíduos.

Sobre os internos, Goffman (2005, p.246) diz que “os comportamentos rechaçados pelas instituições totais são todos expressões de alguém que tenta separar-se do local em que foi colocado e de um santuário pessoal que tenta defender-se”.

Outra perspectiva válida de análise sobre o internato é dada pela Psicologia Ambiental, que tem desenvolvido várias pesquisas em ambientes coletivos. Em linhas gerais, a Psicologia Ambiental dedica-se ao estudo da inter-relação pessoa-ambiente e compreende as relações humanas como sendo afetadas pelo espaço físico onde se desenvolvem (Torvisco, 1998).

Para entender como ocorrem as interações sociais em escolas com internato é necessário estar atento ao tamanho das habitações, a forma como ela está organizada, isto é, com grandes ou pequenos quartos, banheiros coletivos ou de uso individual e, principalmente, à densidade de ocupação, ou seja, o número de pessoas por espaço disponível. A alta densidade constitui a principal característica dos internatos e estes são frequentemente associados com encontros não desejados e não previstos, com a perda do sentimento de privacidade, que diz respeito à capacidade do indivíduo de controlar o seu contato social com o grupo e outros residentes (Holahan & Wandersman, 1987; Valera & Vidal, 1998).

A dificuldade em regular a natureza e a frequência das interações sociais, em “regular quando, onde e com quem eles poderiam interagir” (Hombrados, 1998, p.149) levaria ao que chama hacinamiento e ao que Baum e Paulos (1987, p.654) denominam crowding. Em português, estes termos equivalem a “aglomeração”.

É necessário considerar também, que os alunos internos são adolescentes e, de acordo com Erikson (1987, p.127), trata-se de uma fase peculiar e muito conflitiva da vida. Esse autor situa a adolescência como fundamental no percurso do desenvolvimento humano, pois é nessa fase que o indivíduo desenvolve os pré-requisitos de crescimento fisiológico, maturidade mental e responsabilidade social que o preparam para experimentar e ultrapassar a crise de identidade. Segundo Erikson, a adolescência é considerada um período de transição no qual o indivíduo deve ter a oportunidade de explorar e testar, antes de assumir suas responsabilidades adultas. É o que ele denomina como moratória social entre a infância e a idade adulta, caracterizando-se como uma época crítica de preparação, treinamento e experimentação para que os jovens tornem-se aptos a desempenhar o papel de adultos na sociedade. Essas características, colocadas como inerentes ao jovem,

tornam-se fundamentais para o entendimento dessa fase, enquanto alunos no sistema de internato.

No tocante a Educação Profissional, para Frigotto (2004, p.96), o ensino médio, concebido como educação básica e articulado ao mundo do trabalho, da cultura e da ciência, constitui-se em direito social e subjetivo e, portanto, vinculado a todas as esferas e dimensões da vida. Considera-se que na sociedade moderna o trabalho e a ascensão tecnológica passaram a exigir um tempo prolongado de formação, adquirido na escola, assim entende-se a relevância do sistema de ensino na condição de internato, para muitos desses jovens menos favorecidos socialmente.

Em defesa da formação integral, Ciavatta (2005, p.89) destaca que esta deve “garantir o direito a uma formação completa para a leitura de mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que pressupõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos”, sendo assumido o trabalho como eixos básicos a ciência, o trabalho e a cultura, o que implica, na visão da autora, em assumir como perspectiva o trabalho como princípio educativo. Tal perspectiva permite ao aluno interno, um processo de construção da cidadania por meio da condição de estudos no sistema de internato.

Para o conceito de competências, Kuenzer (2000, p.18) afirma que atribuir à escola a função de desenvolver competências é desconhecer sua natureza e especificidade enquanto espaço de apropriação do conhecimento socialmente produzido, e portanto, de trabalho intelectual com referência à prática social, com o que, mais uma vez, se busca esvaziar sua finalidade, com particular prejuízo para os que vivem do trabalho. Desse modo, o espaço de estudo coletivo do sistema de internato contribui para o desenvolvimento das competências exigidas ao mundo do trabalho.

Conforme Barroso (2008), em pesquisa realizada sobre o “sistema de internato” observou-se que esse é extremamente importante para a formação daqueles que são oriundos do meio rural ou de cidades com baixo índice de desenvolvimento humano, bem como, de famílias com baixa renda. Apesar da saudade, própria da situação de distância física do grupo familiar, esta não vem a ser a razão para o baixo rendimento escolar, que razões mais fortes agem de forma passiva, como o apoio da família e a preservação da mesma, levam o aluno interno a valorizar essa oportunidade e passa a ter uma vida própria adaptada ao internato, onde os laços de amizade são marcantes na relação entre os residentes.

No que se refere a participação da família para o sucesso dos jovens estudantes, Zagury afirma que:

“A maneira como vive na família, participando de forma ativa ou permanecendo sempre alienado dos problemas e necessidades dos outros, influi no tempo que o jovem leva para amadurecer. Quando os pais criam, desde cedo, o hábito da participação, ainda que seja apenas trocar idéias sobre os problemas ou os fatos que ocorrem, e da divisão de tarefas e responsabilidades, mostrando que acreditam no filho e na sua capacidade, estão agindo de forma decisiva para o amadurecimento dos jovens” (Zagury, 2003, p.60).

Conforme se observou nos achados da pesquisa realizada por Morais e colaboradores (2004), o vínculo afetivo e o amadurecimento pessoal alcançados foram aspectos

muito destacados pelos alunos internos pesquisados. As limitações estruturais do internato e a rotina estressante foram as principais implicações percebidas para o desempenho escolar, enquanto o internato ideal foi concebido a partir de mudanças estruturais e da qualidade das relações interpessoais. Segundo estes autores a escola, em especial o internato, é um espaço profícuo e fundamental ao estabelecimento destas relações, que podem marcar de forma decisiva a vida desses adolescentes.

Segundo Gonçalves (2006, p.75), estando longe da família, e enquanto não alcança sua independência, o adolescente sente-se ora inseguro, ora temeroso, e será de extrema importância que encontre apoio em um grupo de pares, pois nesse período em que o adolescente está experimentando mudanças no relacionamento com seus familiares, a relação com os amigos é fundamental; ele precisa encontrar seus pares para se sentir mais forte, um confidente para dividir suas dificuldades, alguém que o ajudará a avançar nessa etapa de transição.

#### **4 METODOLOGIA.**

Este estudo teve uma abordagem qualitativa, de caráter explicativo, construído a partir de dados obtidos ao longo de doze meses.

##### **4.1 PARTICIPANTES**

Participaram 40 alunos; do sexo masculino; com idade entre 14 e 18 anos, sendo dois alunos com 14 anos, 30 com 15 anos, seis com 16 anos e dois com 18 anos; matriculados na 1ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, que fazem parte do sistema de internato e residentes no interior dos Estados do Espírito Santo e de Minas Gerais.

##### **4.2 INSTRUMENTOS**

Foi elaborado um questionário semiestruturado, contendo 7 perguntas abertas sobre: idade, número de ocupantes do quarto, o que acha de viver no internato, o que mais gosta e o que menos gosta, se viver no internato influencia no desempenho escolar, e o que mudaria ou não no internato.

##### **4.3 PROCEDIMENTOS**

O questionário foi aplicado individualmente, após o horário escolar, em uma sala de aula com a presença somente da pesquisadora. O modelo do questionário da pesquisa encontra-se em Anexo.

Visando atender aos aspectos éticos da pesquisa, o projeto e o questionário foram submetidos à Comissão de Ética em Pesquisa do IFES - *Campus Itapina*. Além disso, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, da garantia de sigilo absoluto e da necessidade de prévia autorização dos pais dos alunos menores de 18 anos.

#### **5 RESULTADOS**

Com exceção da primeira pergunta do questionário, os dados foram categorizados à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (1994). As respostas encontradas nos questionários estão apresentadas em frequências simples e percentuais.

A pergunta 1 “Incluindo você, quantos colegas estão alojados no seu quarto, ao todo?” verifica a quantidade de alunos internos em cada quarto e as respostas figuram na tabela 1.

Tabela 1. Quantidade de alunos por quarto

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
10	10	25,00
9	14	35,00
8	6	15,00
7	9	22,50
6	1	2,50
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>100,00</b>

A pergunta 2 do questionário, “O que acha de viver no internato?”, teve como objetivo conhecer como o aluno interno se sentia nessa condição de vida escolar. As respostas evidenciaram que 80% destacaram o valor positivo da experiência de vida no internato. Verificou-se que 1 aluno interno (2,50%) considerava a distância da mãe um aspecto positivo, enquanto 7 alunos (17,50%) consideraram esse aspecto como negativo, de acordo com a tabela 2.

Tabela 2. O que acha de viver no internato?

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
Muito bom	22	55,00
Bom	8	20,00
Às vezes bom às vezes ruim (longe da família)	7	17,50
Incentiva os estudos	2	5,00
Muito bom (longe da mãe)	1	2,50
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>100,00</b>

A pergunta 3 do questionário solicitou aos pesquisados que descrevessem aquilo que mais gostavam no internato, conforme constam as respostas na Tabela 3. O objetivo desse questionamento foi conhecer os aspectos positivos desse sistema de ensino. Os alunos pesquisados destacaram a possibilidade de fazer amizade com diferentes colegas e a interação social do grupo, representando 45% do resultado.

Tabela 3. O que mais gosta no internato

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
A interação/amizade com outros colegas	18	45,00
Mais tempo para estudar com colegas	8	20,00
Facilidade de morar/estudar de graça	5	12,50
Comida	4	10,00
Jogos	3	7,50
Liberdade	1	2,50
Ficar longe de casa	1	2,50
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>100,00</b>

A pergunta 4, “O que menos gosto no internato”, solicitou aos pesquisados que apontassem aquilo que estes viam como aspecto negativo desse sistema de ensino.

Da mesma forma que a interação social e as novas amizades foram vistas pelos pesquisados como aspectos positivos do internato, os desentendimentos foram percebidos como aspectos negativos para 24%, como podemos perceber na Tabela 4.

Os internos também não estavam satisfeitos com a infraestrutura dos quartos (24%) como a má ventilação e o piso de cimento em condições desfavoráveis.

Tabela 4. O que menos gosta no internato

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
Os desentendimentos	12	24,00
Calor e piso nos quartos	12	24,00
Regras sigilosas/Seguir horários	6	12,00
Muitos colegas nos quartos	6	12,00
Ficar longe de casa	4	8,00
Nada	3	6,00
Alunos bagunceiros, trotes e rixas	3	6,00
Muita liberdade (uso de drogas)	1	2,00
Ser maltratado por funcionários	1	2,00
O fim de semana sem opções	1	2,00
Tempo grande sem alimentação	1	2,00
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100,00</b>

A quinta pergunta do questionário, “Você acha que viver no internato influencia no seu desempenho escolar? Por quê?”, interessou-se em averiguar a influência desse sistema para o desempenho escolar. Os pesquisados destacaram que esse sistema de ensino age de forma positiva, pois um colega ajuda o outro nas tarefas escolares, e a facilidade de terem mais tempo para estudar, totalizando 90,48%, conforme consta nas respostas da Tabela 5.

Tabela 5. Influência do internato no desempenho escolar

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
Positivamente – um ajuda o outro	27	64,29
Positivamente – mais tempo para estudar	11	26,19
Negativamente – falta de recursos	4	9,52
<b>TOTAL</b>	<b>42</b>	<b>100,00</b>

A sexta pergunta do questionário, “Se você pudesse mudar alguma coisa, o que você mudaria no internato?”, refletiu sobre a concepção dos pesquisados de um internato idealizado. Os alunos internos questionados destacaram novamente que as condições desfavoráveis da infraestrutura nos quartos tornavam o ambiente impróprio para o estudo, totalizando 31,37% das respostas, conforme Tabela 6. Para alguns pesquisados (19,61%), o número de colegas no quarto incomodava, gerando assim os desentendimentos.

Tabela 6. Se você pudesse mudar alguma coisa, o que você mudaria no internato?

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
Infraestrutura nos quartos	16	31,37
Número de alunos nos quartos	10	19,61
Informática nos finais de semana	8	15,70
Nada	5	9,80
As regras no internato	4	7,84
Voltaria o rodízio nos quartos	3	5,88
Melhoria área de lazer	2	3,92
Melhoria a segurança	1	1,96
Horário de recolher é cedo	1	1,96
Internato feminino também	1	1,96
TOTAL	51	100,00

Na sétima pergunta do questionário, “E o que você não mudaria no internato?”, para a maioria dos internos pesquisados, as regras estabelecidas para o sistema de internato não deveriam mudar, totalizando 31,82% das respostas, conforme se observa na Tabela 7. Outros também não mudariam os colegas de quarto, na forma de rodízio, de um ano para o outro (20,45%).

Observa-se na Tabela 7 que 18,18% dos pesquisados não mudariam nada no internato, isto é, eles estão satisfeitos com as condições desse sistema de ensino.

Tabela 7. O que não mudaria no internato?

<b>Respostas</b>	<b>Frequência Simples</b>	<b>Frequência Percentual</b>
As regras no internato	14	31,82
Os colegas de quarto (troca)	9	20,45
Nada	8	18,18
Número de alunos nos quartos	7	15,91
A refeição	3	6,82
A orientadora	1	2,27
Os jogos	1	2,27
O culto da quarta-feira	1	2,27
TOTAL	44	100,00

## 6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.

Nesta pesquisa, em relação ao número de ocupantes por quarto, de acordo com a primeira pergunta do questionário, os alunos internos consideram seus quartos com elevado número de ocupantes, pois 25% encontra-se em quartos com lotação completa, isto é, 10 ocupantes e 35% ocupam quartos com 1 vaga disponível.

É importante que a ocupação dos quartos seja um aspecto relevante para os dirigentes, pois, de acordo com Holahan e Wandersman (1987), para que se previna o surgimento do *hacinamiento* (aglomeração) em internados, o ambiente deve ser organizado de forma a fornecer espaços de maior privacidade, facilitando a formação de pequenos grupos e incentivando a habilidade dos indivíduos em controlar as interações sociais não desejadas. O menor tamanho do grupo permite o melhor

desenvolvimento de mecanismos para regular as interações sociais, como a formação de normas, por exemplo, e a familiarização com outros membros do grupo (Baum & Paulos, 1987).

Do mesmo modo que se sentem “aglomerados” nos quartos, todos os pesquisados responderam que viver no internato é uma experiência muito positiva, pois o consideram como um incentivo aos estudos, porém sete alunos internos responderam que às vezes é muito ruim ficar longe da família. Por outro lado, cabe ressaltar que apenas um aluno sente-se muito bem em estar longe da mãe.

Quando questionados sobre o que mais gostavam no internato, na pergunta três, os pesquisados (65%), destacaram a possibilidade de fazer novos amigos, a oportunidade de conviver diariamente com eles e de terem mais tempo para estudarem juntos. Como afirma Gonçalves (2006, p.168), geralmente, os adolescentes sentem-se felizes quando fazem parte de um grupo de pares, já que interações com pessoas parecidas não exigem grande esforço, e tendem a minimizar as tensões dissonantes, pois os amigos contribuem com ajuda e informações, embora o façam bem menos do que os familiares, mas dão o suporte social como conselhos, confiança ou simplesmente participando da maneira de ver o mundo, o que foi caracterizado nas respostas com maior número de interações sociais envolvendo os colegas do internato.

Ainda neste questionamento observa-se que enquanto 12,50% dos pesquisados valorizaram o internato como uma facilidade de morar e estudar de graça, outros 20% destacaram que o que mais gostam no internato era os jogos, a comida e a liberdade.

Tais respostas correspondem aos estudos de Erikson sobre a institucionalização da adolescência como uma fase especial no processo de desenvolvimento ao introduzir o conceito de moratória, identificando essa fase com confusão de papéis e dificuldades de estabelecer uma identidade própria, e como um período que passou a “ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta” (1987, p.128).

Observa-se nos resultados desta pesquisa que assim como a possibilidade de conviver com amigos o maior período de tempo possível é visto pelos alunos pesquisados como um aspecto positivo, verifica-se que os aspectos negativos encontrados nas respostas da quarta pergunta, “O que menos gosta no internato?”, também estão estreitamente relacionados com as particularidades da convivência em grupo.

Desta forma, totalizando 54%, os pesquisados afirmaram que as regras sigilosas impostas entre eles, os trotes e as rixas, o número elevado de colegas no quarto e os desentendimentos foram destacados como aspectos negativos presentes em seu cotidiano, os quais gostariam que não existissem.

Outros aspectos destacados pelos pesquisados como negativos, em menor frequência foram: ficar longe de casa, muita liberdade e o uso de drogas, serem maltratado por funcionários, o fim de semana sem opções e tempo grande sem alimentação, perfazendo 16% do total.

Mas, também foram destacados por 24% dos alunos que o calor e o piso dos quartos em condições precárias eram fatores que os desagradavam, o que para Torvisco (1998), compreende as relações humanas como sendo afetadas pelo espaço físico onde se desenvolvem.

Na quinta pergunta, quando questionados se achavam que viver no internato influenciava o desempenho escolar, observou-se que apenas 9,52% dos internos reclamaram da falta de recursos no internato para estudar, enquanto 90,48% destacaram a influência positiva deste sistema de estudos, pois um ajuda o outro e, morando no *campus*, automaticamente o tempo é maior para se dedicarem aos estudos.

Estes resultados demonstram o que Kuenzer (2000) define para o conceito de competências, ressalva que cabe às escolas desempenharem com qualidade seu papel na criação de situações de aprendizagem que permitam ao aluno desenvolver as capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras relativas ao trabalho intelectual, sempre articulado, mas não reduzido, ao mundo do trabalho e das relações sociais, com o que certamente estarão dando a sua melhor contribuição para o desenvolvimento de competências na prática social e produtiva.

Quando questionados sobre se pudessem mudar alguma coisa, o que mudariam no internato, na pergunta de número 6 do questionário, observa-se que novamente os alunos internos (totalizando 50,98%), reclamaram da infraestrutura dos quartos e o número elevado de alunos no quarto.

Estas respostas evidenciam que, conforme Hombrados (1998), os alunos estavam reclamando de mais espaço de cunho subjetivo, não se tratava, necessariamente, de situações nas quais exista grande densidade física, e sim de ocasiões em que estes se sentiam observados, compreendendo que havia pessoas demais nos quartos, ou percebiam que a presença de outras pessoas restringia sua ação.

Quando perguntados sobre o que você não mudaria no internato, na pergunta de número 7, observa-se que, dos alunos pesquisados, 31,82% não mudariam as regras do sistema de internato, pois as regras estabelecidas pelo *campus* geravam segurança para estes.

Outro fator evidenciado pelos internos nesta pergunta 7, totalizando 20,45% dos pesquisados, afirmaram estes que não gostariam que fosse feita a troca de colegas do quarto de um ano para outro, na forma de rodízio e outros 15,91% não mudariam o número de colegas no quarto. Esta valorização das amizades e do relacionamento com pares na adolescência está relacionada ao desenvolvimento da intimidade, como afirma Gonçalves (2006). Nestes estudos, a autora destaca que a intimidade entre os adolescentes consiste no estabelecimento de relacionamentos mais próximos, pessoais, de maior envolvimento emocional e autorrevelação.

Encontram-se também nos achados da pesquisa de Moraes e colaboradores (2004), que é na adolescência que emergem as primeiras relações verdadeiramente íntimas e são construídas a partir do estabelecimento de vínculos afetivos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .**

A relevância deste trabalho foi considerada pela perspectiva de ser dada, pela primeira vez no Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus* Itapina, a possibilidade de se investigar a vida acadêmica dos alunos do “sistema de internato” e obter-se maior nível de sistematização, programação e participação numa estratégia que conduza à eliminação dos possíveis efeitos negativos deste sistema de ensino, na formação pessoal e profissional.

Saber ouvir os alunos internos foi um processo de fundamental importância para a compreensão de como a sua subjetividade e o seu desenvolvimento estão se configurando a partir da experiência de vida nesse contexto particular e da sua interação com os outros indivíduos.

Ao escutar cada adolescente, seja através de questionários ou de observações nos quartos do internato, foi possível conhecer aspectos comuns e particulares de suas experiências. Estes aspectos, por sua vez, não só confirmaram a forma como o internato vem sendo descrito na literatura, mas também serviram para despertar a atenção para os aspectos positivos da experiência de internato, pouco destacados pela literatura pesquisada.

Conforme visto nesta pesquisa, apesar da separação da família e dos conflitos interpessoais, os vínculos afetivos, as relações interpessoais, as amizades conquistadas, é possível destacar a importância deste período de suas vidas, levando ao desenvolvimento dos sentimentos de cooperação, solidariedade e identidade grupal, além da intimidade e da autonomia em administrarem a própria vida.

O resultado desta investigação teve uma importante significação prática, pois de um lado se constituiu numa forma de materializar avanços no estudo do “sistema de internato” e seus impactos na vida acadêmica; por outro, a aplicação de estratégias interventivas que possam utilizar as experiências positivas, como recurso para a melhoria das condições deste sistema de ensino e garantia de avanços na qualidade de vida pessoal e profissional dos discentes internos.

## **8. REFERÊNCIAS.**

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Personna, Lisboa, 1994.

BARROSO, T. P. B. *Vida Familiar e Vida Escolar: um estudo de caso sobre a trajetória escolar dos alunos internos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Januária-MG*. 2008.56p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2008.

BAUM, A. & Paulos, P. Crowding. Em D. Stokols & I. Altman (Org.), *Handbook of environmental psychology*. Wiley Interscience. New York, 1987, pp. 548-726.

CIAVATTA, M. *A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade*. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. e RAMOS, M. (Orgs.). *Ensino Médio integrado: concepções e contradições*. Cortez. São Paulo, 2005.

COOKSON, P. W. & PERSELL, C. H. *Internatos americanos e ingleses: um estudo comparativo sobre a reprodução das elites*. Em ALMEIDA, A. M. F. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). *A escolarização das elites*. Vozes. Petrópolis, 2002, pp. 103-119.

ERIKSON, E.H. *Identidade, juventude e crise*. Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 28.ed. Vozes. Petrópolis, 2004.

FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, M. (orgs.). *Ensino médio: ciência, cultura e trabalho*. MEC/SEMTEC. Brasília, 2004.

FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, M. (orgs.). *A formação do cidadão produtivo: a cultura do mercado no ensino médio técnico*. Inep. Brasília, 2006.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Perspectiva. São Paulo, 2005.

GONÇALVES, S. M. M. *Mas, afinal, o que é felicidade? Ou, quão importantes são as relações interpessoais na concepção de felicidade entre adolescentes*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, 2006.

HOLAHAN, C. J. & WANDERSMAN, A. *The community psychology perspective in environmental psychology*. In: STOKOLS, D. & ALTMAN, I. (Orgs). *Handbook of environmental psychology*. Wiley Interscience. New York, 1987, pp. 835-837.

HOMBRADOS, M. I. *Hacinamiento*. In: ARAGONÈS, J. I. & AMÉRICO, M. (Orgs), *Psicología Ambiental*. Ediciones Pirâmide. Madrid, 1998, pp. 149-172.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPIRITO SANTO – Campus Itapina. *Projeto Pedagógico Institucional*, 2009.

KUENZER, A. Z. *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. Cortez. São Paulo. 2000, p. 18.

MORAIS, N. A. et al. *Notas sobre a experiência de vida num internato: aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos*. Psicologia em Estudo. Maringá. 2004, pp. 379-387.

REGIMENTO INTERNO - *MANUAL DO ESTUDANTE* – Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus Itapina*, 2009.

TORVISCO, J. M. *Espacio personal y ecología del pequeño grupo*. In: ARAGONÈS, J. I. & AMÉRICO, M. (Orgs.). *Psicología Ambiental*. Ediciones Pirâmide. Madrid, 1998, pp. 548-726.

VALERA, S & Vidal, T. *Privacidad y territorialidad*. In: ARAGONÈS, J. I. & AMÉRICO, M. (Orgs), *Psicología Ambiental*. Pirâmide. Madrid, 1998, pp. 123-147.

ZAGURY, T. *Encurtando a adolescência*. 9ª Ed. Record. Rio de Janeiro, 2003.

**ANEXO**  
**Questionário dos alunos**

Caro aluno!

Este questionário tem como objetivo investigar a sua percepção do sistema de internato. Sua participação será muito importante para a realização dessa pesquisa.

Será garantido sigilo absoluto. Os dados serão analisados e divulgados sem que sejam identificadas as pessoas pesquisadas.

Agradeço sua colaboração!

Idade: \_\_\_\_\_

1- Incluindo você, quantos colegas estão alojados no seu quarto, ao todo?

\_\_\_\_\_

2- O que você acha de viver no internato?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3- O que você mais gosta do internato?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4- E o que você menos gosta do internato?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5- Você acha que viver no internato influencia no seu desempenho escolar? Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6- Se você pudesse mudar alguma coisa, o que você mudaria no internato?

---

---

---

7- E o que você não mudaria?

---

---

---